LEITURA BÍBLICA, IDENTIDADE E EMPODERAMENTO

Linda Siokmey Tjhio Cesar Pestana[1]

Resumo

Este artigo, baseado em revisão bibliográfica, justifica-se pela necessidade de apreciar as riquezas literárias dos textos bíblicos, sem os dogmatismos ou positivismos presentes em ambientes eclesiásticos e acadêmicos, mas a favor da formação integral humana. Propõe-se uma leitura da narrativa evangélica de cura da mulher encurvada (Lc 13.10-17) intermediada pela exegese e olhares de diferentes ciências, que destaca os aspectos libertadores da ação de Jesus em favor da identidade, do senso de pertença e do sentido da vida das pessoas; essa ação desencadeia empoderamento e libertação de pesos impostos pelos poderes político-religiosos opressivos que, por sua vez, resulta em profunda alegria no povo da narrativa e ao leitor que se identifica com a história.

Palavras-Chave: Leitura Bíblica. Identidade. Empoderamento. Transformação.

Introdução

Através de revisão bibliográfica, este artigo retoma uma breve historiografia da educação, para apontar a literatura bíblica como ferramenta favorável à formação humana em suas várias dimensões. Propomos a leitura da narrativa evangélica da cura de uma mulher encurvada, instrumentalizando alguns teóricos de exegese bíblica, hermenêutica filosófica, fenomenologia, antropologia e medicina, para destacar a ação curativa que emancipa o indivíduo da opressão e violência socio-político-religiosa vigentes, pelo reforço de sua identidade, do senso de pertença e do sentido da vida, fundamentais no resgate e na preservação da integridade humana. Diante do relato, o leitor também tem a oportunidade de empoderar-se, tornando-se menos vulnerável à violência de tudo que o assedia, oprime e aprisiona.

Formação humana e a prática da leitura

Mencionaremos autores cujas propostas são seminais em reconhecer na leitura um espaço privilegiado para a realização humana. Segundo Platão, a alma conhecedora do belo, do bem e do verdadeiro, ao se encarnar, passa por um temporário esquecimento, que pode ser revertido pelo exercício da dialética na arte

[1] Mestre em Ciências das Religiões pela Universidade Estadual da Paraíba - UFPB, Especialista em Psicologia e Aconselhamento Pastoral pela Escola Superior de Teologia - EST, Terapeuta Comunitária pelo Espaço Família - ABRATECOM, Bacharel em Teologia pelo Seminário Bíblico Nacional/FACETEN, Cirurgiã-Dentista pela Universidade de São Paulo - USP. E-mail: meypestana@gmail.com

teatral ou literária, e da vida em comunidade que evidencia o senso de justiça presente em todos, ainda que de maneiras diversas (ARAÚJO, 2006, p. 56-58, 68).

Desde o século V, Agostinho em *De Magistro* (1973, p. 319-356), destacou a importância da maiêutica socrática no processo de parir o pensar, recordar, questionar, falar, intuir e atuar do educando. Mais tarde, no século XVII, Comenius, em *Didática Magna* (2001, p. 101-110, 119-126, 204-329), afirmava que, para "ensinar tudo a todos" como direito e cidadania, era preciso semear e regar fundamentos com naturalidade e arte, pois o resultado seria o desenvolvimento de inteligência, memória, língua e prática de bons costumes e piedade. No século XVIII, Rousseau (1995, p. 5-57) questionou a pedagogia imposta pelo poder sociopolítico marcado por maldade, tirania e servidão do absolutismo e feudalismo, propondo uma formação voltada para a virtude, a ética, a liberdade e a participação igualitária.

Recentemente, nessa busca por uma formação humana integral, Röhr (2013) defendeu a educação que liga imanência com transcendência, e possibilita ao indivíduo sair de si em direção ao outro com amor, serviço e perdão, num percurso que desenvolve suas cinco dimensões, sobretudo a espiritualidade. Nesse aspecto, Vaillant (2010, p, 17-18, 21-40) defendeu a importância da espiritualidade na formação de vínculos comunitários solidários, empáticos, compassivos e amorosos, em que a alegria, o perdão, a gratidão, a esperança e a criatividade brotariam espontaneamente e transcenderiam as emoções negativas do cotidiano.

O educador Brayner (2005, p. 63-65) notou que, nos últimos vinte anos, os Estados Unidos, a França e o Brasil têm acolhido a literatura como ferramenta que estimula a reflexão, o diálogo interior e interpessoal, a reconstrução e a elevação do leitor para além dos resultados das escolas tradicionais focadas em comportamentos sociopsicológicos estereotipados a serviço do mercado tecnológico-capitalista.

Nesse viés, Ricoeur (2006, p. 248, 252-257, 260-263) aponta o texto e cada personagem como a alteridade que reforça e narra a identidade do leitor – fundamental no desenvolvimento humano - num percurso de reconhecimento mútuo que ultrapassa dissimetrias. Também Gadamer (1997, p. 72-81) propõe que, através do diálogo e da compreensão, alguns pressupostos iniciais podem ser repensados para resultar em ampliação, fusão de horizontes e aproximação da verdade.

Nesse caminho, a Bíblia aborda questões da espiritualidade, e é um exemplo literário modelar na cultura europeia, com histórias sublimes do povo comum e narrativas inconclusas de luz e escuridão, cujas entrelinhas podem ser

preenchidas pelas vivências e reflexões do próprio leitor. Chamam a atenção a simplicidade, a concisão e a profundidade reflexiva dos relatos bíblicos quando comparados às épicas homéricas repletas de detalhes idílicos, iluminados, lineares e sem espaço para o povo comum a não ser na comédia (AUERBACH, 1994, p. 9-95).

Para Mendonça (2015, p. 9, 55, 67-68), as naturezas cultural, literária e religiosa da Bíblia fazem dela não uma janela, mas um espelho para o leitor adentrar a si mesmo e se autodecifrar, expondo-se ao texto e tornando-se mais vasto. As narrativas evangélicas permitem interpretações de amplo espectro e instauram entre leitor e texto um espaço de enigmas, mal-entendidos e ironias, com textura e trama de pluralidade cujo potencial transformador e terapêutico transcende as leituras fundamentalistas e unívocas dos contextos eclesiásticos dominadores e abusivos.

Apresentaremos uma narrativa evangélica de milagre, em que a cura executada por Jesus representa a libertação das misérias e fatalidades humanas, e inaugura o irromper de um novo tempo com novas perspectivas e possibilidades de existência, no qual o extraordinário ressignifica a realidade da gente discriminada e deficiente, emancipando-a diante dos poderes sociopolítico-religiosos vigentes. Essa história, assim como outras narrativas neotestamentárias de curas, cativa pela dimensão simbólica e afetiva, escrita com técnicas literárias requintadas que apostam na capacidade do leitor em mergulhar no texto e se identificar ora com Jesus, ora com o sujeito do qual Jesus se aproxima e se compadece para resgatar e transformar (MENDONÇA, 2015, p. 183, 244, 302-303).

Identidade e empoderamento na narrativa da mulher encurvada

> 10 Ora, ensinava Jesus no sábado numa das sinagogas. 11 E veio ali uma mulher possessa de um espírito de enfermidade, havia já dezoito anos; andava ela encurvada, sem de modo algum poder endireitar-se. 12 Vendo-a Jesus, chamou-a e disse-lhe: Mulher, estás livre da tua enfermidade; 13 e, impondo-lhe as mãos, ela imediatamente se endireitou e dava glória a Deus. 14 O chefe da sinagoga, indignado de ver que Jesus curava no sábado, disse à multidão: Seis dias há em que se deve trabalhar; vinde, pois, nesses dias para serdes curados e não no sábado. 15 Disse-lhe, porém, o Senhor: Hipócritas, cada um de vós não desprende da manjedoura, no sábado, o seu boi ou o seu jumento, para levá-lo a beber? 16 Por que motivo não se devia livrar deste cativeiro, em dia de sábado, esta filha de Abraão, a quem Satanás trazia presa há dezoito anos? 17 Tendo ele dito estas palavras, todos os seus adversários se envergonharam. Entretanto, o povo se alegrava por todos os gloriosos feitos que Jesus realizava (Lc 13.10-17).

Fitzmyer (2010, p. 1011) observa que essa história é um híbrido de “estória de milagre” e “estória de pronunciamento”, típica no ministério salvífico de Jesus: um entrelaçado de ações de cura, poder e libertação de males opressores e discussões decorrentes das contestações dos religiosos acerca da Lei do Sábado e de tradições que eles controlavam (Mc 3.1-6; Mt 12.9-14; Lc 6.1-11; 14.1-6; Jo 5.1-18; 9.1-41).

A mulher poderia estar sob influência de um espírito maligno ou um mal psíquico (MARSHALL, 1978, p. 557), associado a espondilite anquilopoietica, onde os ossos na coluna vertebral se fundem causando muita dor e enrijecimento (MARSHALL, 1978, p. 557; FITZMYER, 2010, p. 1012); também, Sampol e Sampol (2000, p. 4-5) sugerem a ligação da histeria com fortes contrações musculares e dor.

De qualquer forma, segundo o médico psiquiatra Barreto (2012, p. 55-57), a coluna vertebral é o “pilar da estrutura óssea e muscular”, a sede dos psicossintomas relacionados a medos primais diante de traumas e desafios. É como um escudo que protege e guarda tensões, mas pode ser ferido por golpes traiçoeiros que abalam e até bloqueiam a estrutura de apoio, de progresso e fluidez de energia, comprometendo as realizações do sujeito. Assim, diante de um problema postural tal qual nessa narrativa bíblica, Barreto (2012, p. 60-92) sugere uma correspondência entre causas, sentimentos e região acometida, conforme tabela a seguir:

Tabela: Relação entre região acometida na coluna vertebral, medo primal associado e causas relacionadas

Região	Medo primal de	Causas relacionadas
Atlas	Morte	Cervical: agressões, perseguições, julgamentos da própria família, que geram emoções reprimidas, pensamentos obsessivos de autodepreciação, autonegação, culpa, isolamento e dependência da aprovação dos outros. Impossibilidade de erguer-se com alegria e sem medo de rejeição (p. 60-67).
Cervical	Rejeição	
Torácica	Deslealdade	Lombar: grandes perdas afetivas e materiais com sentimentos de desamparo, insegurança, desconfiança, dificuldade em se comunicar, perfeccionismo, autoanulação, autodesvalorização e isolamento (p. 80-86).
Lombar	Abandono	
Sacro	Desconhecido	Sacrococcígeo: traumas físicos e emocionais violentos (ex: queda grave, abuso sexual) associados a sentimentos de vergonha, desorientação, traição, abandono, impotência e morte (p. 87-92).
Cóccix	Sobrevivência	

Diante do sofrimento dessa enferma discriminada num contexto androcêntrico e que atrelava doença com pecado, Jesus fez questão de ver,

chamar, tocar e valorizar publicamente aquela a quem reconheceu como filha do pai da nação israelita (Lc 13.12-13,16, Gn 17.5) e que merecia ser libertada de males, culpas e acusações a ponto de ela conseguir, imediatamente, reerguer-se sem os pesos e medos primais de morte, rejeição, deslealdade, abandono ou sobrevivência, somatizados naquela coluna vertebral encurvada (BARRETO, 2012, p. 60-92).

Fitzmyer (2010, p. 1013) destaca o contraste da cronicidade da doença com a cura imediata, associada às palavras e ações de Jesus, que transformaram aquele corpo travado e infeliz em cura, alegria e gratidão contagiantes. Essa libertação desafiou a forma tradicional de cumprir a Lei do sábado, e irritou os que se consideravam as maiores autoridades religiosas (Mc 2.27; Lc 6.5; Mt 12,8; Jo 5.17-18), aos quais, Jesus denunciou publicamente como hipócritas (Lc 13.15-16).

Embora um animal pudesse ser solto em dia de sábado para beber água (MARSHALL, 1978, p. 558-559), com aquela senhora não havia o mesmo cuidado. Ela vivia sob um processo violento, vitimizador, enlouquecedor e desintegrador dos seus vínculos afetivos e vitais: a humilhação (desesperança), o desenraizamento (ético, estético e étnico), a invisibilidade (abandono) e a tecnologia opressora (coisificação do ser humano), conforme descreve Safra (2004, p. 10-14).

Jesus desafiou a tradição religiosa de guardar o sábado com o dever prioritário de libertar uma pessoa (FITZMYER, 2010, p. 1011). Evans (1996, p. 236) também lembra que já no Antigo Testamento, o sábado tinha a ver com libertação (Dt 15.1-18). Dessa forma, Marshall (1978, p. 559) aponta o segundo clímax do relato, em que os poucos religiosos foram desmascarados, envergonhados e silenciados, enquanto a multidão de povo excluído se emancipou em alegria e louvores comemorativos da própria cura, pois, conforme Chouraqui (1996, p. 212), ficou evidente que o “bem-querer” divino tornou-se acessível a todos.

Sob o olhar de Csordas (2008, p. 44, 49), o significado da expressão “possessa de um espírito de enfermidade” (Lc 13.11) pode ser atribuído a ações e experiências que lhe enfraqueciam e alteravam seus processos endógenos (sono, intuição, sonhos, pensamentos, emoções, comportamentos), tornando-a vulnerável a doenças e à atuação de espíritos malignos. Segundo o antropólogo, a intervenção de Jesus observável no corpo, também transformaria a atitude, a afetividade, os processos mentais, psicológicos e comportamentais daquela senhora, que por sua vez, contribuiriam na prevenção de novas doenças físicas, emocionais e espirituais.

Ao restabelecer a verticalidade corporal da enferma, Jesus regenerou, refundou e reorganizou a sua conexão entre céu e terra, tal qual um santuário, um poste sagrado (*Axis mundi),* onde todas as suas ações e relações imanentes e transcendentes, consigo mesma, com os outros e com o divino pudessem fluir sem impedimentos (ELIADE, 2010). A imagem desse milagre ilustra bem a ação terapêutica de Jesus sobre os doentes que ele tocava.

Para Kleba e Wendausen (2009, p. 733-743), o empoderamento diminui a força manipulativa dos poderes dominantes/opressores de uma sociedade, e consiste em fortalecimento afetivo, cognitivo e condutual do sujeito em três níveis: psicológica/individual (emancipação, autoestima, autonomia e protagonismo); grupal/organizacional (respeito, apoio e partilha comunitária de competências e soluções criativas); estrutural/política (engajamento, corresponsabilização, consciência crítica e cidadania).

Após dezoito anos de sofrimento e males, a mulher carregaria no corpo um novo registro: a ausência de dores, a vitalidade fluindo pelo corpo ereto e a visualização da figura bondosa de Jesus, que a transformara em um ser humano empoderado, saudável, íntegro e santo, com memórias, intuições e manifestações positivas espontâneas que confirmavam a sua libertação, para desde então, ser protagonista de seu bem-estar, do perdão e da reconciliação com seu passado e com quem quer fosse (CSORDAS, 2008, p. 65-70, 115, 137-139).

Considerações finais

Esse relato desafia a tradição religiosa, a lógica humana, os ritos engessados das culturas e as regras político-sociais opressoras/adoecedoras. Nele se observa a libertação de desgraças humanas para uma condição emancipada, sã e salva, com um novo olhar sobre o valor, o sentido e a missão da vida humana, num contexto de compaixão, acolhimento, perdão, resgate e empoderamento. A mulher encurvada representa os excluídos, párias, desprezados, sobrecarregados com doenças, dores, traumas, fracassos e culpas incuráveis, mas, que são vistos, escutados, tocados e transformados por alguém que reforça-lhes o valor, a identidade, a autoestima, o senso de pertença, o sentido da vida de modo gratuito, imediato, definitivo e curativo.

O Cristo empático, compassivo e poderoso inaugura o espaço sagrado do Reino de Deus, libertando os indivíduos de tudo o que aprisiona, limita, controla ou

prejudica o seu desenvolvimento, suas relações consigo mesmo e com os outros. Assim também, o leitor que adentra a narrativa, pode reconhecer-se nele como um ser humano tal qual Jesus, que vê e age a favor de seu semelhante, mas também reflete sobre quais males ele mesmo necessita ser libertado para que sua postura perante a vida se endireite.

Leituras assim, que reforçam a identidade, inspiram e empoderam, possibilitam que alguém reaja ao mal que lhe é perpetrado sem deixar-se dominar por ele, pois ocupa sua mente com bons pensamentos, imagens e ações, mantendo-se protegido das influências malignas de fatores externos que assediam, oprimem e até tomam posse do ser humano fragilizado por males e sofrimentos. O relato termina com a numerosa multidão de gente simples em comemoração feliz enquanto os poucos poderosos desmascarados permanecem envergonhados, calados e sem ação. Uma bela imagem emancipadora e profundamente terapêutica para dar esperança nos dias atuais...

Referências

A BÍBLIA SAGRADA. Novo Testamento. [tradução de João Ferreira de Almeida]. ed. Rev. Atual. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

AGOSTINHO. *De Magistro* [Tradução de Ângelo Ricci]. In: **Os Pensadores VI**. São Paulo: Abril, 1973.

ARAÚJO, Rodrigo Silva Rosal de. **Senso moral e direito natural**: aproximações entre a ética platônica e a teoria espírita. Recife: Ed. do autor, 2006.

AUERBACH, Erich. **Mimesis**: a representação da realidade na literatura ocidental. 3. ed. São Paulo: Perspectiva S.A., 1994.

BARRETO, Adalberto de Paula. **Quando a boca cala os órgãos falam**: desvendando as mensagens dos sintomas. Fortaleza: Gráfica LCR, 2012.

BRAYNER, Flávio Henrique Albert. Como salvar a educação (e o sujeito) pela literatura: sobre Philippe Meirieu e Jorge Larrosa. **Revista Brasileira de Educação**, Maio /Jun /Jul /Ago 2005 n. 29, p. 63-72.

CHOURAQUI, André. **A Bíblia:** Lucas (O Evangelho segundo Lucas). [tradução de Leneide Duarte e Leila Duarte]. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

CSORDAS, Thomas J. **Corpo/Significado/Cura**. [tradução de José Secundino da Fonseca e Ethon Secundino da Fonseca]. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

COMENIUS, Iohannis Amos. **Didactica Magna**. [Tradução de Joaquim Ferreira Gomes]. Versão para eBook digitalizada por Calouste Gulbenkian, 2001. Disponível em <www.eBooksBrasil.org>. Acesso em julho. 2016.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

EVANS, Craig A.. **Novo comentário bíblico contemporâneo**: Lucas. [tradução de Rev. Oswaldo Ramos]. São Paulo: Vida, 1996.

FITZMYER, Joseph A.. **The Gospel according to Luke X-XXIV**. New Haven: Yale University Press, 2010.

GADAMER, Hans-George. **Verdade e método II** [Tradução de Flávio Paulo Meurer]. Petrópolis: Vozes, 1997.

KLEBA, Maria Elizabeth; WENDAUSEN, Agueda. Empoderamento: processo de fortalecimento. **Rev. Saúde Soc.** São Paulo, v.18, n.4, p.733-743, 2009.

MARSHALL, Ian H.. **The Gospel of Luke**: A Commentary on the Greek Text. Grand Rapids: Eerdmans, 1978.

MENDONÇA, José Tolentino. **A leitura infinita**: a Bíblia e a sua interpretação. 1. ed. São Paulo: Paulinas/Pernambuco/UNICAP, 2015.

RICOEUR, Paul. **O percurso do reconhecimento**. São Paulo: Loyola, 2006.

RÖHR, Ferdinand. **Educação e espiritualidade**: contribuições para uma compreensão multidimensional da realidade do homem e da educação. Campinas: Mercado de Letras, 2013.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou Da Educação**. [Tradução de Sérgio Milliet]. 3. ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

SAMPOL, Lúcia A. V.; SAMPOL, Antônio V. **A escoliose e suas formas de tratamento.** 2000. Disponível em: <http://t.r4.com.br/imagens/arquivos/104/ESCOLIOSE%20E%20SUAS%20FORMAS%20DE%20TRATAMENTO.pdf>, acesso em: 29 mar. 2017.

VAILLANT, George. **Fé**: evidências científicas. Barueri: Manole, 2010.